

**As dolorosas raízes da memória na obra de
Conceição de Deus Lima: Uma leitura dos poemas
“Afroinsularidade” e “São João da Vargem”**

The Painful Roots of Memory in the Work of
Conceição de Deus Lima: A Reading of the Poems
“Afroinsularidade” and “São João da Vargem”

DOI: <https://doi.org/10.21747/30517036/seb2a3>

Celeste Sebastião Sousa

Assessora de Cooperação

São Tomé, Camões, I.P.

celeste.sebastiao@camoes.mne.pt

Recebido: 01/03/2026

Aceite: 03/08/2026

RESUMO: Este ensaio analisa a representação das memórias coloniais e pós-coloniais na poesia de Conceição Lima, a partir de uma leitura crítica dos poemas “Afroinsularidade” e “São João da Vargem”. Partindo do contexto histórico e cultural de São Tomé e Príncipe, marcado pela escravatura, pelo sistema das roças e pela experiência colonial portuguesa, o texto reflete sobre o papel da literatura santomense como espaço de resistência, afirmação identitária e preservação da memória coletiva. Após uma breve contextualização da tradição literária santomense, com referência a autores como Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo, o ensaio centra-se na obra de Conceição Lima, destacando a forma como a autora transforma a memória histórica em matéria poética. Em “Afroinsularidade”, a poetisa denuncia as marcas da violência colonial, evocando a escravatura, as plantações e os vestígios materiais e culturais deixados pelo império, ao mesmo tempo que afirma uma identidade afroinsular construída pela mestiçagem e pela resistência. Já em “São João da Vargem”, através das memórias da infância, do espaço familiar e das vozes ancestrais, a autora revisita o passado colonial sob uma perspetiva íntima e afetiva, revelando o processo de construção da consciência histórica e identitária. O ensaio conclui que a poesia de Conceição Lima constitui um importante testemunho literário das memórias santomenses, articulando denúncia histórica, ancestralidade e esperança, e afirmando-se como uma das vozes mais relevantes da literatura africana contemporânea de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: identidade afro-insular; pós-colonialismo; memória colonial; poesia santomense; Conceição de Deus Lima

ABSTRACT: This essay examines the representation of colonial and postcolonial memory in the poetry of Conceição Lima through a close reading of the poems “Afroinsularity” and “São João da Vargem”. Grounded in the historical context of São Tomé and Príncipe – shaped by slavery, the plantation system, and Portuguese colonialism – the study reflects on literature as a space of resistance, identity construction, and preservation of collective memory. After briefly contextualising the emergence of modern São Tomé literature and its anticolonial dimension, the essay focuses on how Conceição Lima transforms historical trauma and personal remembrance into poetic discourse. In “Afroinsularity”, the poet denounces the enduring scars of colonial violence through vivid imagery associated with plantations, forced labour, and cultural hybridity, while simultaneously affirming an Afro-insular identity forged through resistance and survival. In “São João da Vargem”, Lima revisits childhood memories and family spaces to explore the gradual awakening of historical consciousness, intertwining intimate recollection with collective memory and ancestral voices. The poem reveals how domestic and oral traditions function as repositories of silenced histories excluded from official colonial narratives. The essay argues that Conceição Lima’s poetry constitutes a powerful literary testimony to the memories of São Tomé and Príncipe, articulating history, ancestry, and postcolonial identity through a deeply lyrical and politically conscious voice. Her work emerges as one of the most significant contributions to contemporary African literature in Portuguese.

KEYWORDS: afro-island identity; postcolonialism; colonial memory; São Tomé an poetry; Conceição de Deus Lima

Introdução

São Tomé e Príncipe, a “pérola do Atlântico”, como seria conhecido nos séculos XIX e XX, tem a sua história, como muitas outras histórias do continente africano, marcada por uma abordagem eurocêntrica. Colónia portuguesa desde o século XV, o arquipélago e as suas gentes só vieram a viver num espaço de liberdade, no último quarto do século XX, permitindo-lhes então dar início às reflexões, talvez ainda incipientes, sobre as suas memórias.

A história de São Tomé e Príncipe distingue-se pela sua peculiaridade. Enquanto espaço colonizado, foi ao longo dos tempos laboratório de experiências

sociais únicas, com destaque para a figura dos “serviçais”, os quais, de acordo com Natália Umbelina, tinham sido “arrancados da sua terra de origem e assentados à força no arquipélago. A roça era um espaço de segregação onde estavam acantonados, sem outra atividade que não fosse laborar, sofrer e morrer de trabalho no trabalho” (Umbelina, 2024, contracapa).

Neste contexto social único, surgem, ao longo do século XX, diferentes expressões e manifestações culturais, muitas de forma clandestina e oprimidas pelo regime colonial, destacando, neste curto ensaio, a literatura, enquanto forma de resistência e luta anticolonial. Impulsionada, principalmente, por um grupo de jovens santomenses, residentes em Portugal, mas que não abdicavam de afirmar a sua africanidade, revelando um sentimento de nacionalismo crescente, a escrita foi um dos principais instrumentos de estratégia de combate ao colonialismo português.

Nomeando apenas alguns, relembro Marcelo da Veiga, poeta, que denunciou vigorosamente o sistema colonial, Francisco José Tenreiro, também poeta, que viveu a ambivalência da miscigenação, e teve um papel relevante na década de 40, junto dos estudantes negros e mestiços, que frequentavam a Casa dos Estudantes do Império, em Portugal.

Entre as mulheres, surge a figura incontornável de Alda Espírito Santo (1926-2010). Frequentadora da mesma Casa dos Estudantes do Império, contactou com importantes escritores e intelectuais, alguns deles futuros líderes dos movimentos africanos de libertação. Em 1953 regressa a São Tomé, onde, nesse mesmo ano, escreve o poema Trindade, referência ao massacre ocorrido a 3 de fevereiro de 1953, tendo, posteriormente, sido também a autora do hino nacional, intitulado Independência Total. Após a independência assumiu diversos cargos, entre os quais Ministra da Educação e da Cultura, foi uma das fundadoras da UNEAS – União Nacional de Escritores e Artistas Santomenses, e publicou vários livros de poesia. Detentora de um dinamismo singular na sociedade santomense, permanece, atualmente, a ser continuamente lembrada, com inúmeros, muitas vezes infrutíferos, momentos de homenagem.

É nesta realidade, das ilhas do meio do mundo, divididas pela linha do Equador, que nasce, em 1961, Conceição de Deus Lima. Jornalista, cronista, mas sobretudo poetisa, também ela membro fundador da UNEAS (1987). Fez os estudos primários e secundários em São Tomé. Coursou jornalismo em Portugal, foi licenciada em Estudos Africanos, Portugueses e Brasileiros, pelo King’s College of London e possui o grau de Mestre em Estudos Africanos, pela School of Oriental and African Studies (SOAS), Londres. Foi durante longos anos jornalista e produtora dos Serviços em Língua Portuguesa da BBC, em Londres. Trabalhou como jornalista da TVS (Televisão Pública Santomense) por vários

anos. Pela Editorial Caminho publicou *O Útero da Casa* (2004), *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006) e *O País de Akendengué* (2011) e *Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico* (2015), este último, uma auto edição. Está traduzida para alemão, árabe, checo, espanhol, francês, galego, italiano, servo-croata e turco. Vindo a falecer em 15 de maio de 2026.

Conceição de Deus Lima, uma das vozes mais marcantes da poesia santomense contemporânea, aborda de forma profunda e sensível a memória colonial e pós-colonial. Através de uma linguagem lírica e reflexiva, explora temas como a ancestralidade, a identidade e as cicatrizes deixadas pelo colonialismo e pela escravatura. Nas suas obras denuncia traumas históricos e celebra a esperança, sendo premiada internacionalmente e traduzida para diversas línguas. A sua poesia explora a memória familiar e ancestralidade, abordando o colonialismo e a identidade santomense, com sensibilidade histórica e estética.

Este breve ensaio tem como objetivo realizar uma leitura de dois dos seus poemas; “Afroinsularidade” e “São João da Vargem”, à luz da questão das memórias pós-coloniais, mas também de memórias vividas pela própria, na sua meninice, antes da independência. Memórias ainda coloniais.

O poema “Afroinsularidade”, em “O Útero da Casa”, ganhou, em 2021, o concurso *Poems in Translation (ex-aequo)*, organizado pela revista *Words Without Borders* e pela Academia Americana de Poetas.

“AFROINSULARIDADE”

*Deixaram nas ilhas um legado
de híbridas palavras e tétricas plantações*

*engenhos enferrujados proas sem alento
nomes sonoros aristocráticos
e a lenda de um naufrágio nas Sete Pedras*

*Aqui aportaram vindos do Norte
por mandato ou acaso ao serviço do seu rei:
navegadores e piratas
negreiros ladrões contrabandistas
simples homens
rebeldes proscritos também
e infantes judeus
tão tenros que feneceram
como espigas queimadas*

*Nas naus trouxeram
bússolas quinquilharias sementes
plantas experimentais amarguras atrozes
um padrão de pedra pálido como o trigo
e outras cargas sem sonhos nem raízes
porque toda a ilha era um porto e uma estrada sem regresso
todas as mãos eram negras forquilhas e enxadas*

*E nas roças ficaram pegadas vivas
como cicatrizes – cada cafeeiro respira agora um
escravo morto.*

*E nas ilhas ficaram
incisivas arrogantes estátuas nas esquinas
cento e tal igrejas e capelas
para mil quilómetros quadrados
e o insurrecto sincretismo dos paços natalícios.
E ficou a cadência palaciana da ússua
o aroma do alho e do zêtê d'óchi
no tempi e na ubaga téla
e no calulu o louro misturado ao óleo de palma
e o perfume do alecrim
e do mlajincon nos quintais dos luchans*

*E aos relógios insulares se fundiram
os espectros – ferramentas do império
numa estrutura de ambíguas claridades
e seculares condimentos
santos padroeiros e fortalezas derrubadas
vinhos baratos e auroras partilhadas*

*Às vezes penso em suas lívidas ossadas
seus cabelos podres na orla do mar.
Aqui, neste fragmento de África
onde, virado para o Sul,
um verbo amanhece alto
como uma dolorosa bandeira.*

O Útero da Casa (2004, pg. 39-41).

O poema “Afroinsularidade”, oferece-nos uma visão crítica do legado colonial em São Tomé e Príncipe. Através de imagens vívidas, como “cada cafeeiro respira agora um escravo morto”, a autora denuncia as marcas profundas deixadas pela escravatura e pelo colonialismo nas ilhas. A herança deixada pelo colonialismo surge, logo no início do poema, com a referência às “tétricas plantações”, cemitério de muitos escravos e trabalhadores, e onde, atualmente, permanecem muitos dos “engenhos enferrujados”, numa lembrança constante de um passado presente.

A realizadora Margarida Cardoso refere que São Tomé e Príncipe lhe sugere uma “janela constante para o passado”, com as suas roças em ruínas, de engenhos, lugares, mas também pessoas, “abandonados”, num tempo distante.

Neste poema, como noutros, de Conceição Lima, essa “janela” é notória, assim como as marcas e memórias que este passado deixou no povo santomense, “E nas roças ficaram pegadas vivas como cicatrizes, ..., nas ilhas ficaram incisivas arrogantes estátuas nas esquinas, cento e tal igrejas e capelas para mil quilómetros quadrados.” Marcas presentes de um passado opressor e doloroso.

Herança também presente nos costumes do quotidiano das gentes e na sua cultura, expressa na “cadência palaciana da ússua, o aroma do alho e do zêtê d’óchi, e no calulu o louro misturado ao óleo de palma”, numa clara referência à mestiçagem de costumes, sabores e pessoas que o passado colonial português deixou nas ilhas. Esta herança manifesta-se ainda numa “estrutura de ambíguas claridades e seculares condimentos, santos padroeiros e fortalezas derrubadas, vinhos baratos e auroras partilhadas”.

No prefácio do livro *O Útero da Casa*, Inocência Mata refere que:

O fluxo histórico da poesia de Conceição Lima parece ser a força motriz da produção de sentidos. Na verdade, o conteúdo emocional de alguns destes vinte e oito poemas é, poeticamente, minerado das lembranças do passado recente e exposto, vinte e oito anos depois, à análise da consciência individual, em confronto com a coletiva. (Mata, 2004, p. 12).

Destaco também a referência a momentos negativamente marcantes na história do arquipélago, como o envio forçado, por ordens de D. Manuel I, em 1496, de cerca de 2000 crianças judias (com idades entre os 2 e os 10 anos) para São Tomé, sendo que tendo em conta as condições adversas da ilha, climatéricas e endémicas, muito poucas sobreviveram, “e infantes judeus tão tenros que feneceram como espigas queimadas”.

Este notável poema denuncia as raízes históricas da colonização, mas surge também como uma obra de profunda resistência, que celebra a identidade

afrodescendente insular que resiste e renasce — erguendo um “verbo” que nasce alto, como bandeira de luta e de esperança, a palavra Afroinsularidade.

O próximo poema a ser analisado integra a obra *A dolorosa raiz do micondó*, publicada em Portugal, em 2006, pela editora Caminho.

“SÃO JOÃO DA VARGEM”

*E eu brincava, eu corria, eu tinha o anel,
o mundo era meu.*

...

*Eu rodopiava e o mundo girava
girava o terreiro, o kimi era alto
e no tronco eu não via não via não via
o torso rasgado dos serviçais.*

....

*A voz de meu pai punha caras concretas
naquelas caras que eram altas, eram difusas
e olhavam p'ra longe, não para mim.*

...

*Os olhos dos retratos
fitam-me com a distância
de quem sabe mais do que eu.*

A Dolorosa Raiz do Micondó (2006, pg. 57).

O poema “São João da Vargem”, integra o livro *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006) e é uma obra profundamente lírica que evoca a infância da autora. Dividido em quatro partes — “O Anel das Folhas”, “A Sombra do Quintal”, “As Vozes e Os Olhos dos Retratos” — o poema constrói uma narrativa de memórias afetivas e familiares, explorando temas como identidade, ancestralidade e a herança do colonialismo.

No “O Anel das Folhas”, o mundo ainda se apresenta harmónico, calmo e no ritmo das plantas e animais que povoavam o quintal, e o universo da menina escritora. “Quando eu não era eu / Quando eu ainda não sabia que já era eu / Quando não sabia que eram quem sou / os dias eram longos e redondos e cercados / e as noites profundas como almofadas / O sol nascia todos os dias e todas as tardes se despedia / e a lua brilhava todas as noites para morrer ao amanhecer”.

Nesta primeira parte o eu-lírico reaviva um estado pré-reflexivo, quando ainda não havia consciência plena de si, onde as imagens sugerem um tempo acolhedor, circular e protegido: “dias longos e redondos”, “noites profundas como almofadas”. Há uma cadência ritualística, o amanhecer e o pôr do sol marcam o ritmo vital daquele mundo.

“O Anel das Folhas” preenche a base emocional e identitária para as partes seguintes – “A Sombra do Quintal”, “As Vozes e Os Olhos dos Retratos” – nas quais a inocência infantil começa a confrontar-se com as tensões da história familiar e coletiva.

Na segunda parte “A Sombra do Quintal”, a meninice da autora continua protegida pelas fronteiras do seu quintal, onde “corria e ria, eu voava, o mundo era grande, eu tinha o mundo, o quintal era meu”. Contudo, estas fronteiras começam a ser transpostas por sinais, “no tronco eu não via não via não via / o torso rascado dos serviçais”, velhos instrumentos e utensílios, “desliza no velho vagão sobre os carris / que já não transportavam montões de cacau”, e pessoas, que transpõe o mundo de criança, e revelam histórias e memórias presentes, “Oh! Ali moravam a alma e a raiva dos serviçais”. Esta segunda parte revela a transição entre a inocência e a consciência política, ao se confrontar com o corpo marcado dos serviçais.

“As Vozes”, terceira e penúltima parte do poema, surge como clara referência à memória, às memórias das tias que vinham para o quintal, e traziam com elas “ecos de ontem nas palmas das mãos”, e falavam de tempos, que a criança, apesar de não entender, registava, e se tornaram também suas memórias. Salienta-se aqui a referência ao legado cultural matriarcal, onde as mulheres da casa (mães, tias, vizinhas) transmitem identidade, ritual, histórias de origem. Ao valorizar essas vozes familiares, Conceição Lima retoma a tradição oral africana como contraponto ao silêncio à história colonial escrita. Evoca vozes que resistem ao apagamento colonial, carregadas de histórias – pronunciando saberes, práticas, narrativas que estão fora dos registos oficiais.

Na última parte do poema “Os Olhos dos Retratos”, o sótão da casa, lugar noturno, de caixas fechadas, onde o arquivo e as fotos de tempos passados permaneciam, evoca a memória e a ambiguidade da casa-colônia, porto seguro de meninice, mas também lugar de memórias soturnas. Memórias avivadas pelas histórias contadas pelo pai da poetisa “a voz de meu pai punha caras concretas / naquelas caras que eram altas, eram difusas”. Conceição Lima utiliza a fotografia como metáfora da história colonial e pós-colonial: imagens fixas que só conseguem viver por meio da narração. O pai atua como mediador, dando nome, vida e história. Aquele sótão deixa de ser apenas espaço, torna-se depósito de memórias vivas que constituem a própria identidade santomense da poetisa.

Conclusões e reflexão

A obra de Conceição de Deus Lima, tendo em consideração a sua valorização poética, mas também o contexto social e histórico, atrai a atenção internacional, tornando-se uma das vozes literárias, atrevo-me a dizer, mais eminentes, não só de São Tomé e Príncipe, mas do universo dos autores dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Contudo, no contexto de um país de poetas, onde os livros, e seus autores, sofrem para ver a luz do dia, um país sem editoras, nem livrarias, Conceição Lima permanece, como algumas das memórias que os seus poemas evocam, no torpor cultural do “leve-leve” santomense.

Numa breve pesquisa bibliográfica, facilmente nos deparamos com dezenas de estudos, ensaios, dissertações sobre a obra desta poetisa santomense, na sua grande maioria vindos do outro lado do Atlântico, da academia e investigadores brasileiros, dos Estados Unidos onde a sua obra é referenciada, integrando, ultimamente, a coletânea de poemas *No Gods live here*, publicada em 2024. Este interesse contrasta com o pouco relevo e atenção que tem sido dada à sua obra, quer em São Tomé e Príncipe, quer em Portugal, onde as edições esgotadas dos seus livros, não são alvo de interesse para novas publicações, e as memórias evocadas nos seus poemas permanecem apenas nas narrativas de alguns de nós. Correndo o risco de extrapolar, ou não, a minha análise, talvez as nossas dolorosas raízes, assim como as do micondó, ainda constituam um obstáculo para a maior promoção e divulgação da sua apaixonante obra.

Referências Bibliográficas

- Leite, A. M., Secco, C. L. T., Falconi, J., Krakowska, K., & Khan, S. (Eds.). (2018). Nação e narrativa pós-colonial IV: Literatura e cinema: Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe: Entrevistas. Edições Colibri.
- Lima, C. (2004). *O útero da casa*. Editorial Caminho.
- Mata, I. (2006). A poesia de Conceição Lima: O sentido da história das ruminações afetivas. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, (7), 235-251.
- Moura, F. F. de, & Braule, A. de C. (2017). A colecionadora de fantasmas: Apontamentos sobre sobrevivência e teor testemunhal na poesia de Conceição Lima. *Revista Criação & Crítica*, (19), 16-30.
- Pontes, R. (2014). Conceição Lima e a poesia na pós-independência em São Tomé. *Contexto*, (25), 127-142.

Umbelina, N. (2024). Trabalho forçado no arquipélago de São Tomé e Príncipe: Os serviçais — Da abolição da escravatura à generalização dos trabalhadores contratados (1853–1903). Município de Oeiras.